

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
 BRAZIL (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$300

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

ORÇAMENTO DA MONARCHIA

Discute-se actualmente na camara dos deputados esta grande vergonha nacional, que se chama o orçamento. Ha cincoenta annos andamos invariavelmente a discutir as contas de receita e despesa, no sentido de extinguir o «deficit» e de diminuir a divida publica. Todos os governos da monarchia se apresentam ao paiz hasteando a bandeira «economica» e da «moralidade» e todos promettem pór um dique á voragem dos dinheiros do povo. Pois o que invariavelmente tem succedido é que os esbanjamentos são cada vez maiores, e o «deficit» cada vez mais invencível! A monarchia augmenta-nos os impostos, restabelece as contribuições mais odiosas do passado, deixa os serviços publicos ao abandono, deixa ao desamparo as nossas colonias, para onde manda os vampiros que na metropole não pode supportar, e depois do augmento extraordinario da receita pela criação de novos impostos, que não são acompanhados de melhoramentos parallelos, o que nos offerece a monarchia?

A extincção do «deficit»? A diminuição da divida publica? não. A monarchia dá-nos um «deficit» annual de 8 mil contos e uma divida publica de réis 500:000:000\$000!

Isto, promettendo todos os annos o desafago da fazenda publica. Se não promettesse, onde estaríamos nós?...

Mas pode a monarchia prolongar por muito tempo esta situação violenta, que se vae agravando n'uma progressão assustadora? não pode. O termo fatal d'esta bachanal é a bancarota, e a banca-rotta n'um paiz pequeno como Portugal é a perda ou pelo menos o abalo perigoso da independencia do paiz.

Ha um symptoma da queda proxima, de «degungolade» imminente, quando um regimen politico tem em má situação as suas finanças. E' a viciação, por nossos expedientes, das contas do estado.

Foi pela primeira vez que este anno o governo do rei apresentou às côrtes um orçamento da despesa em que não figuravam as varias despesas chamadas modernamente extraordinarias.

Para cantar a extincção do «deficit», o chefe do governo não só lançou tributos sobre o sal, o pão, o bacalhau, o petroleo, o arroz, enfim sobre os proprios impostos

pelo adicional de 6 p.c. e por 270 ad valorem sobre as importações, não só augmentou assim 3:000 contos ás receitas, mas ainda teve que arrancar do orçamento verbas de despesa obrigada na importancia de 5:000:000\$000 réis! Só depois d'este vexame contra o pobre e d'esta tranquillizernia nas contas, é que o sr. Fontes pode cantar a extincção do «deficit», que nos deixa, como estavamos, na necessidade de todos os annos pedirmos á usura 8:000:000\$000 réis!

S. Graça.

O DIREITO DIVINO

CAPITULO II

Pergunta-se: Na monarchia absoluta o povo pôde receber a luz da instrução?

A resposta é simples, resume-se n'um monossyllabo—NÃO!

Porque pois? Porque aos reis não convem de modo algum que o povo se instrua. É um grande perigo, essa serpe revolucionaria a leitura. É um volcão essa metralhadora, a imprensa.

Se o povo se instruir, vejão lá que prejuizo. Saberá que o direito divino é insustentavel perante a Philosophia; saberá que é uma abominação a reallesa, uma violação do direito natural, do direito humano; saberá emfim todas as torpesas que tem commetido no passado todos os reis absolutos. Não será pois uma impreudencia deixar instruir-se o povo?—Por isso nós vemos em todas as monarchias puras o povo sepultado na mais obtusa escuridade d'espírito.

Bem dita a arvore santa que tanta sombra espalha em derredor!

Fazer ignorar aos povos os seus direitos para mais livremente se lh'os poder calcar—é regio. Em nome d'um direito ficticio concedido por um certo ser sobrenatural que infla ninguém viu, arvorar-se em senhor de toda a propriedade collectiva, centralizando na sua mão todos os poderes, é infernal. Fazer estacionar o povo n'uma apathia mortal, para que supporte—perinde ad cadaver—o jugo d'uma tyrannia moral juncto á gargalheira da tyrannia physica, se assim nos podemos exprimir—é divino. E é isto o que fazem os reis.

O povo sem luz, é o throno com a certeza da tranquillidade nocturna. Viver no meio das trevas é útil para as hyenas que profanam os cadaveres, e para as onças, que adorando a lua, espreitam simultaneamente o viajante que passa. A reallesa tem o seu quê d'hyena juncto ao seu quê de onça.

Arma-se até aos dentes com a feitura dos exercitos permanentes. Embrenha-se nas trevas da ignorancia popular, e uiva sinistramente ao approximar-se da victima inerme. Ouro! quero ouro!

Se a victima se demora a considerar n'aquellas palavras torpissimas, e se dispõe para a defesa, os soldados do bandido coroado descarregam os trabucos sobre essa pobre multidão d'escravos.

É para isto que a reallesa, tendo sempre em pé de guerra milhares e milhares d'homens, conserva a nação

desarmada. É a hyena que se prepara para o assalto do viandante desculpado.

Oh! a reallesa!...

CAPITULO III

Ao fallarmos da reallesa do direito divino entende-se que incluímos tambem n'esta cathegoria a reallesa papal.

Ora vamos a vêr de que modo o papado tem sustentado em Roma o seu domímo. Demos a palavra ao grande caudillo da liberdade italiana, o intrepido e fogoso Garibaldi:

«Os frescos do Campo Santo de Pisa são o melhor exemplo do modo como a corte de Roma se serviu das bellas artes para gravar suas doutrinas na imaginação dos fieis.

«Que são esses frescos?—Representações terrificas da morte, do juizo final, do purgatorio, do inferno; anjos e demonicos se disputam as almas, serpentes mordem e abafam os condemnados; diabos lásem voltar a grêlha em que é assada a humanidade; ganchos em brasa espedaçam os corpos dos desgraçados.

«Os vivos diante de similitantes imagens, podem acaso deixar de pensar em salvar seus parentes de tão abominaveis torturas, pagando a seus paes espirituaes o resgate de seus paes segundo a carne torturados no purgatorio?

«Lê-se no Evangelho que os ricos entrão difficilmente no ceu. A Igreja ahi faz entrar os ricos, mas fecha a porta aos pobres.»

Tem razão o heroe. A Igreja romana que quer a todo o custo a posse d'um omnipotente poder temporal, não acha melhor meio de formar tal poder, do que abusando da ignorancia popular, impôr-se pelo terror ás almas timoratas.

O dogma da divindade do Christianismo é a tyrannia moral, que prepara ao papado a posse da outra tyrannia.

Começa-se renegando da propria razão, e acaba-se por estender os pulsos ao alçoz de Roma.

Leão X fingi-se protector das artes e das letras; porem Campanella e Savonarola são dois nomes venerandos que ressam na historia como dois protestos contra o papado. Miguel Angelo com toda a peia de d'artistas catholicos nada mais fiseram do que prostituir o genio á ambição desmedida do clero romano. Na pintura, na esculptura, na architectura, em tudo vemos pelo seculo XVI a sombria côrte de Roma, com os seus mysterios horribicos, com os seus dogmas enervadores.

Não ha sentimentalismo sôrna de poeta lyricô capaz de abalar esta verdade pungente.

Quanto ao mais nós sabemos que o papado fundou sempre na ignorancia publica e na miseria da nação o seu poder infernal. O povo sem luz não pensaria em se livrar d'aquelle vampiro cuja maldade desconhecia. Com fome não teria as forças sufficientes para uma revolta hypothetica.

Todos os dias os reactionarios forjam catilinarias funambulescas contra o governo italiano que desapossou o papado. Achem conveniente o governo paternal de S. Pedro.

Seja-nos licito anteciparmos já alguma coisa do que verdadeiramente só devera ter logar na parte historica d'este livro.

Tem suas conveniencias para o clero, não ha duvida. Que o desprecivel canalha do operario trabalhe para sustentar os malandrins de

solaina. Ha nada mais justo? Se não quizer dar o pão áquelles que lhe dão o pão, a generosidade d'estes será maior. Ahi está o carrasco de Mortara que lhe mandará applicar o vergalho de boi, e no fim triturar-lhe os ossos pecadores na fogueira purificativa!

Diz mais Garibaldi:

«Conta-se 866 igrejas e em cada uma d'ellas diz-se 24 missas por dia. O preço de cada missa ordinaria varia de 60 centimos a 6 francos e 50. As missas solemnes por alma das pessoas ricas são prebendas reservadas aos padres de certas igrejas.»

Ao papado convem este estado de coisas. O clero não hade desgostar-se com tal. A nobresa cujos privilegios são reconhecidos pelo papa faz causa commum com o phantasma branco.

CAPITULO IV

Diz o sr. Osorio de Vasconcellos no seu livrinho «A fundação da monarchia portugueza» que acata muito o principio monarchico.

Esse livro foi escripto em 1860 quando se debatia ahi com todo o fogo da paixão partidaria a questão do iberismo.

Se o notavel publicista se limitasse a affirmar que a... catava o principio monarchico, nada teriamos que estranhar. Mas sua excellencia entendeu que como se tractava do velho embuste—papado da união iberica deveria adequar um pouco mais, e sae-nos com esta: «o qual me parece garantir a liberdade mais duravelmente que qualquer outro.»

Que liberdade? Em que sonha esta gente quando escreve livros—para o povo?—Que veneno é este que os senhores monarchicos vão proporcionando em pequenas doses aos que trabalham e lhes pagam generosamente?

E diz-nos que a sua voz não é suspeita!...

Mas vamos direitos ao alvo.

A monarchia será a mais segura garantia da liberdade nacional? E' falso. Diz o grande Aronnet de Voltairre que um povo republicano saberá melhor defender o seu paiz do que um povo monarchico, pela simples razão de que defende a sua propriedade.

Será uma garantia da liberdade individual?—Não. Que o diga Luiz XI, e Carlos X, e Miguel I, quantas prisões sem processo, por simples delictos (?) d'opinião.

Será uma garantia da liberdade politica e religiosa?—Não. Estão ahi as perseguções politicas e religiosas de que nos dá a Historia larga conta.

Demais como hade a monarchia garantir ao povo a liberdade, se ella se funda no dominio iniquo d'uma certa familia privilegiada, sobre toda a nação que assim vae escravizando?

CAPITULO V

Pio IX com a promulgação do dogma da infalibilidade, com a publicação do Syllabus, e com o Non possumus atirado por elle constantemente ás faces da civilização europeia, parodia, talvez sem de tal se lembrar, o rei devasso revogador do edito de Nantes.

Luiz XIV disse:—L'Etat c'est moi!—O prostituidor das proprias irmãs bradou cego pelo orgulho—L'Eglise c'est moi!—Ambos mentiram.

Sim, é ella que é a Igreja. Os fieis e o baixo clero não tem voz activa no podre bestuinto do alçoz de Ro-

ma. Elle, que recebe as impugnações dos purparados toureiros da Igreja é que é o senhor supremo, como é o supremo doutor.

Liberdade de consciencia é nada. E' absurda a liberdade politica. Elle é senhor por graça de Deus, infallível por inspiração do ceu. Elle é que é a Igreja.

Ahi tem retratado o papa trez vezes infame que os catholicos querem hoje fazer passar como um santo e como um martyr.

Ahi que se algum dia o povo accorda para a justiça inexoravel, não sabemos quem soffrerá o martyrio.

Palhaços!

Smuel.

OS DUELLOS

Tem ultimamente havido em Lisboa um certo numero de conflictos pessoases, provocados por diversas occorrencias mais ou menos futeis e resolvidos no que se chama o campo da honra a tiros de pistola ou a golpes de sabre, da mesma forma e sobre o mesmo criterio moral e theologico com que na idade media, quando ainda se acreditava na efficacia juridica do juizo de Deus e se suppunha que a divindade dava sempre razão ao mais forte, se resolviam as pendencias entre os fortes guerreiros que faziam da energia dos seus musculos e da rigidez das suas finas armaduras o unico e exclusivo merecimento individual.

Esta persistencia irracional é temerosa de velhos costumes barbaros, que tiveram a sua razão de ser nas ideias e no estado das consciencias d'uma certa epocha, mas que hoje se acham totalmente obliterados pelo progresso das noções moraes e do regimen juridico da nossa civilização; é um caso dos mais curiosos do despotismo da rotina mesmo sobre os espiritos, que tinham a mais stricta obrigação de se apresentarem emancipados d'essa ordem de preconceitos.

Nós comprehendemos que a nossa actual organização judiciaria é perfectamente impotente por incompleta para resolver satisfactoriamente um certo numero de conflictos pessoases provocados pelas noções da honra e do pundonor, e que em muitas circumstancias d'este genero, se não no maior numero d'ellas, o veredictum dos tribunales ordinarios seria a exacerbção dos graves do offendido, quando este se resolvesse a pedir reparação da sua justiça a esses tribunales.

Sendo nós os primeiros a reconhecer este atraso da nossa organização judiciaria, somos tambem os primeiros a protestar energicamente e desassombadamente em nome da civilização e da propria dignidade pessoal, contra a mania archeologica do duello, que pode ser um excellenteprocesso para liquidar questões de pundonor, tal como este pôde ser comprehendido entre selvagens ou entre fadistas, mas que é positivamente um processo ignobil e grotesco de resolver conflictos de honra, tal como ella deve ser entendida por dous homens de bem.

O que é com effeito que resolve o duello, dado um qualquer conflicto pessoal entre dous individuos? Que reparações dá elle ao offendido? Que justiça traz elle á causa do aggressor? E depois como é que hoje dous homens de bem se atrevem a entregar á

sorte brutal das armas, fundada exclusivamente na pericia ou no vigor dos musculos, os mais altos e melindrosos interesses da sua personalidade moral? O receio de que o publico os accuse de covardes? Mas o que tem de commun a valentia d'um sujeito com as rasões que lhe assistem ou deixam de assistir n'uma questão de honra? A coragem nunca é insolente? A fraqueza nunca é agravada? Onde e quando é que se demonstrou que a pericia no jogo das armas ou que a robustez do pulso é sempre correcta, bem educada e justa, e a timidez, a inexperiencia ou a fraqueza do braço sempre insofrente e aggressiva?

Coragem! Mas que coragem é esta de ser mal criado, quando se conta com a propria certeza de pontaria ou com a destreza no jogo das armas? Que coragem é essa de se soffrer uma affronta e dar-se como reparado n'ella pelo simplem facto de se ter crusado uma espada ou de se ter trocado uma bala com o individuo que nos insultou?

Onde estão os bríos do homem, que, sentindo-se trozmente offendido nos mais melindrosos pontos da sua honra ou do seu pundonor, esquece todos esses agravos e se dá por plenamente reparado d'essas effensas, depois de ter dado ou levado uma cutifada ou de ter servido de alvo ao tiro d'uma pistola? Que noções de coragem pessoal são essas, perante as quaes são acatadas e o mesmo applaudidas todas as baixezas de character, que nos levam á conquista das satisfações egoistas, e taxada de covardia a nossa legitima e honesta repugnancia em entregar á certeza da pontaria ou á firmeza do pulso os mais caros interesses da nossa honra e da nossa dignidade?

É indispensavel que todos os homens de bem reajam energeticamente contra estas imposições grotescas d'um falso pundonor, mantido nos costumes pela persistencia d'uma rotina idiota e brutal.

Ha um processo simples para isso, que se não resolve plenamente todos os incidentes, deve na maioria das hypothese dar excellentes resultados, e em todo o caso não tem confronto em superioridade moral com agnomia do duello. Esse meio é a arbitragem d'um tribunal de honra, nomeado pelos proprios interessados, e cujas decisões estes, previamente, se obrigam a cumprir, sob a pena d'infamia.

O que se não pode tolerar é que se nos queira impor hoje para juiz em questões de honra, a boca de uma pistola ou o fio de uma espada.

Ab. da Conceição.

TRAIÇÃO! TRAIÇÃO!

Estão no poder os demócratas de hontem, aquellos que mais ou menos influenciados pelo doutrinismo dos revolucionarios de 48 pediam radicalismo na politica, os Vilhenas que achavam Victor Hugo pouco vermelho, e Pio IX papista de mais.

Esses homens abusaram extraordinariamente da liberdade d'imprensa, elles e aquellos que defendem a magna orgia.

Antonio de Serpa Pimentel bordou com a lama da calumnia (?) o vestido da rainha dos portuguezes, accusando-a bem como a seu irmão Humberto de Saboya de conspirarem para a união ibérica.

Luciano Cordeiro fez larga propaganda socialista nos seus bons tempos de juizo e rectidão.

Eduardo Tavares disse no *Espectro da Granja* que o seu rei era idiota, e como tal não tinha imputação d'especie alguma.

No jornal do Porto a *Fatalidade* a monarchia e o monarcha soffreram asperas discussões.

Não fallaremos agora na *Revolução de Setembro*, attendendo a que o seu fundador, o republicano ardente do *Espectro* já não existe.

Mas ahí têm os governantes e seus sequazes. Em vespéras da batalha eleitoral prometteram largas reformas politicas, como isca d'anzol, para engodo dos electores desprevenidos. Novos judas que nos querem dar o oscu-

lo da traição. As reformas que elles projectam são leis de repressão contra o pensamento humano, que cega os deuses e apavora os reis.

Preparemo-nos todos para assistirmos ao desenlace da asquerosissima comedia. Uma-mo-nos, para que com a força do nosso direito, possamos julgar os renegados da Honra, os insultadores da Liberdade.

Contra a aliança dos bandidos d'aquella noite, appanhemos nós os factos luminosos d'este dia. Do alto d'esta tribuna vamos doutrinando a nova Biblia.

Todo aquelle que disponde de uma penna livre não a põe a serviço da consciencia publica revoltada, é reu de todas as torpesas perante o tribunal da Historia.

Protestemos com todo o vigor de nossa alma contra a traição que nos pertendem fazer. Protestemos pela imprensa, aliás nem este reducto nos será respeitado pela villanagem triumphante.

Provocamos á revolta? É claro sim. A revolta dos espiritos! A revolta das consciencias! á lucta pelo Bem!

Ergue-te, geração nova! Atacam os nossos direitos, violam as nossas liberdades!

Hoje dissolvem os comícios populares e embargam os prelos. Amanhã levantarão o patibulo para a segurança d'um rei somnambulo!

São estas as reformas dos traidores.

Jomael

PALAVRA DE REI

O sr. D. Luiz é sem contestação possível o rei que melhor entende do seu officio: um Bragança ás direitas.

Quando de volta da inauguração do caminho de ferro da Beira assistiu aos pomposos festejos que lhe prepararam os safamanqueiros, com musicas, foguetorios e banquetes, em agradecimento ao ganho vergonhoso que iam tirar d'esse contracto vil e torpe, o sr. rei no meio do entusiasmo do *puro Porto* fez uma promessa solemne. O cumprimento d'essa promessa, sobre-maneira sympathica, havia de tornar bem quisto o nome do soberano; mas por isso mesmo que era sympathica, e porque a sua realisação tinha por fim roubar á miséria extrema os bravos que affrontando mil perigos desembarcaram no Mindello, ficou em pouco mais que promessa. Esses homens que combateram heroicamente contra a causa de um despota, a favor das pretensões de outro deposta, que se exposeram tantas vezes ás balas do inimigo, contribuindo poderosamente para que o sr. D. Luiz seja hoje o dono e proprietario d'este paiz, foram descarada e synicamente burlados.

De diferentes terras concorreram ao Porto os miseros invalidos, fazendo despezas na viagem e nos documentos para provarem a sua identidade perante a commissão encarregada de informar o monarcha. Foi tudo baldado para a maior parte dos infelizes, pois que só alguns conseguiram receber a magra pensão de 200 réis diarios.

A fortuna particular do sr. de Bragança perigava, n'esta liberalidade inaudita.

Todavia, é creença nossa que na occasião de fazer a promessa o rei estava disposto a cumprir a sua palavra. Depois, quando soube que eram vivos ainda tantos d'esses bravos, apesar das tribulações porque passaram e passam, desanimou e mentiu-lhes.

Não bastava que o intitulado *reisoldado* tivesse escarnecido d'esses desgraçados e de todo este paiz, promettendo muita liberdade e largas concessões, para atear a guerra fratricida, faltando como um villão da mais infima especia a taes promessas, senão vir ainda agora o neto rir-se do infortunio!

Perderem o vigor da mocidade n'uma guerra de irmãos; arriscaram-se tantas vezes ás metralhas dos canhões, e agora, quando já se sentem pender para a sepultura, verem-se assim insultados por quem deve o fausto em

que vive a todos estes sacrificios! E' de maes!

Não seria melhor que el-rei cumprisse com o prometido, embora á custa do thesouro? Que futuro ha de ser o d'esses homens? A miséria? o esquecimento?...

Eis o que é palavra de rei!

Ab. de Almeida

Desagravo

Do nosso collega o *Seculo* transcrevemos o seguinte:

«A's affrontas com que, em pleno parlamento inglez, nos cobriu o deputado Jacob Bright, respondeu logo no dia immediato um honradissimo portuguez, official do nosso exercito em commissão, em carta dirigida ao *Morning Post* de 6 do corrente, nos seguintes termos:

New Castle on Tyne, 4 de abril de 1883—Ao sr. Jacob Bright, M. P.—Casa dos commons, Londres.

Senhor.—A infundada accusação por vós feita, em 3 do corrente, na casa dos commons, não sómente contra o governo portuguez mas igualmente contra a nação inteira, os insultos que, como homem politico irresponsavel, acabaes de dirigir a um paiz secular, o qual o sr. Gladstone, o veneravel primeiro ministro da Inglaterra, politica e justamente affirma ter sido, desde longa epocha, um dos mais fieis e mais leaes aliados da Inglaterra, são indignos de um homem politico respeitavel, de qualquer cavalleiro, e sobretudo do filho de um poderoso paiz como é a Gran-Bretenha. Na falta de sãos argumentos, preferis empregar insultos. Terminaes a accusação contra Portugal dizendo:—Não acredito que um ministro inglez possa collocar a entrada do magnifico paiz, o Congo, nas mãos de uma potencia europeia considerada em bancarrota para possuir, por qualquer qualidade, o mesmo paiz. Esta insustentavel asserção prova-me que vós proprio deveis ser considerado em bancarrota de todos os principios de cortezia; e por isso de termino esperando que o vosso descosido e offensivo discurso contra um honesto e illustre povo europeu, cuja fama de valor e de grandes feitos ecoou por todo o mundo, muito tempo antes que fossem ouvidos os da Inglaterra, não evitará os dois governos amigos de levar a effeito um equitativo e estavel accordo respectivo á questão sujeita.

Envio-vos a minha morada em Londres, onde, em poucos dias, poderei dar-vos qualquer explicação que vós desejeis sobre o conteúdo d'esta carta.

Sou vosso obediente servidor

Major L. de Quillinan.

45 Upper, Gloucester place, Portman Square—Londres.»

Nada acrescentamos n'esta occasião á carta energica do bravo official. É rarissimo lá hoje encontrarem-se homens que dêem tão nobres exemplos de legitimo patriotismo. No proximo n.º nos occuparemos d'isto.

O DUELLO

Realizou-se effectivamente no domingo passado o duello entre os srs. Magalhães Lima e Pinheiro Chagas. Transcrevemos em seguida o resumo das sete actas, feito por um jornal de Lisboa:

«A primeira acta refere a reunião em 2 de abril dos srs. Pedro Correia e Antonio Cunha Belem padrinhos do sr. Chagas, e dos srs. Manuel de Arriaga e José Elias Garcia, padrinhos do sr. Magalhães Lima, decidindo que a pendencia só podia ser resolvida pelas armas.

A segunda refere que n'uma reunião a 3 de abril se concordou que o combate seria a sabre, no dia immediato ás 4 da tarde em local apropriado, ao norte de S. José de Ribamar.

A terceira narra que no dia 4, pouco antes da hora ajustada, compareceram ao local do combate os srs. Manuel de Arriaga, Cunha Belem, Pinheiro Chagas, faltando o sr. Pedro

Correia porque fôra violentamente detido pela policia, junto á igreja dos Jeronymos. O sr. Cunha Belem informou acerca d'este facto e que estava autorizado a declarar por parte do sr. Pedro Correia que o combate se podia realizar como se estivesse presente para todos os effeitos.

Meia hora depois appareceu o sr. Elias Garcia tendo-se demorado pelos esforços que empregara em escapar á vigilancia da policia, declarando que todas as tentativas empregadas pelo sr. Magalhães Lima para o mesmo fim tinham sido baldadas, sendo pois impossivel realizar-se o combate n'aquella occasião. Dizendo o sr. Cunha Belem que elle e o seu constituinte estavam plenamente ás ordens das testemunhas do sr. Magalhães Lima, o sr. Manoel de Arriaga declarou que estava prompto a tomar o lugar do seu constituinte, sr. Magalhães Lima, para se effectuar o combate, se os srs. Cunha Belem e Elias Garcia entendessem que n'isso não havia desaire ou offensa para o sr. Magalhães Lima.

Descreve a quarta acta, que logo em seguida conferenciaram os srs. Elias Garcia e Cunha Belem sobre o incidente proposto; o sr. Cunha Belem disse que o sr. Chagas accetava e desejava aquella solução se ella fosse accetada pelos dois juizes.

Ponderaram, porém, que não, faltando o sr. Magalhães Lima por acto seu, não era o caso de ser substituído pela sua testemunha; que era forçoso addiar o combate, julgando nobilissimo o procedimento do sr. Arriaga em se offerecer para sustentar o combate, e o do sr. Chagas accetando, o que se podia realizar immediatamente, visto que o local estava ermo e as armas promptas.

Os srs. Chagas e Arriaga louvaram-se plenamente no voto dos outros cavalleiros; mas achando-se proximos os srs. Luiz Mardel e Anselmo de Souza e suscitando o sr. Arriaga que por parte de sua ex.ª foram encarregados de julgar do caso, assim se resolveu de mutuo accordo de todos os presentes.

A acta n.º 5 refere que em seguida se reuniram os sr. Luiz Mardel e Anselmo de Souza por parte do sr. Chagas, resolvendo que ficasse addiado o combate, ficando as testemunhas dos srs. Chagas e Magalhães Lima de se reunirem para deliberarem sobre o modo de se realizar o encontro.

A acta n.º 6 diz que a 6 de abril as testemunhas dos dois contendores resolveram que o combate se realisasse, como estava concordado, ás 3 da tarde do dia 8.

A acta n.º 7 e ultima refere que ás 3 da tarde do dia 8 se reuniram os srs. Chagas e Magalhães Lima, as suas testemunhas e o medico do sr. Magalhães Lima, tendo o sr. Chagas como medico uma das suas testemunhas, na estrada que vae de S. José de Ribamar a Linda a Velha. Escolheu-se local para o combate no planalto da collina que limitava o horisonte pelo norte.

Houve tres assaltos, um de 5 minutos, outro de 3, e o terceiro de 2; n'este verificou o medico do sr. Magalhães Lima que o sr. Chagas estava ferido na mão direita. O sr. Chagas protestou que o ferimento não o impedia de continuar o combate, o sr. Magalhães Lima declarou que não o inspirava rancor contra o seu adversario e apenas o desejo de sustentar a sua honra e pundonor.

As testemunhas resolveram que houvesse um quarto assalto, e depois dariam por terminado o combate. Este assalto durou por 4 minutos, intervindo depois as testemunhas prestando homenagem ao denodo e sangue frio dos seus constituintes e julgando perfectamente illibada a sua honra.»

CARTA

Porto, 12 d'abril de 1883

Meus amigos

Como já deve saber-se ahí, demittiu-se voluntariamente do cargo que exercia á frente da administração d'este districto, o dr. José Moreira da Fonseca, regenerador de animo invencível e character honrado o que é muito raro entre as fileiras dos *arranjos*.

O dr. Moreira da Fonseca, desgostoso pela marcha desgraçadissima dos negocios publicos, havia por varias vezes manifestado ao governo o seu descontentamento e exigido a sua substituição de governador civil que sempre lhe havia sido negada. Desde o momento feliz em que S. Ex.ª dissolvet a meza da Misericordia, um coito de *arranjos e ganhosinhos*, como a designava a voz publica, desde que pôz em pratica uma energica perseguição ás casas de batota que abundam pelo Porto e ás *rateiras* da alfandega, não poupando nem os proprios amigos, principiou a erguer-se em volta do energico funcionario toda uma multidão de vituperios e calumnias, seguida d'uma guerra desapidada a todos os seus actos. O dr. Moreira da Fonseca, desgostoso com taes apreciações dos seus actos, exigiu mais uma vez a sua exoneração que mais uma vez lhe foi negada.

Agora deu-se o *celebrissimo* caso da *Mão Negra* no Porto e S. Ex.ª encontrou occasião de se demittir e assim o fez.

Depois da prisão arbitraria d'um subdito hespanhol, Pedrote, que aqui viera procurar trabalho ou então passagem para a America, depois das prisões dos cinco socialistas portuezes accusados de terem relações com aquelle hespanhol, depois da perseguição estúpida movida a cinco cidadãos honrados, ás suas familias, ás suas habitações, etc. saltando-se por cima da lei em todo este procedimento judicial, d'inteira e exclusiva responsabilidade do dr. Amancio Pinheiro que uzou e abusou do nome do chefe do districto para praticar todo esse cortejo de disparates e arbitrariedades que a imprensa noticiou já, depois de tudo isto, diziamos, a opinião publica comegou a manifestar-se contra tanto atropello da lei e do bom senso e reclamou providencias. O sr. ministro do reino que, nem por mais um segundo, deveria consentir á frente da policia do Porto um *sonhador de pavososas* ridiculas e absurdas, como o é o famigerado Amancio da Mão Negra, officiou ao governador civil citando a lei que se oppunha á detenção por mais tempo, sem culpa formada, do referido hespanhol e que elle não podia ser mandado para Hespanha por não lhe dizer respeito a lei de extradicação. O dr. Moreira da Fonseca, vendo o equívoco que existia, pois que elle era alheio a toda a trapalhada feita pelo commissario, respondeu para Lisboa esclarecendo o *mistiforio* que se creara no cerebro enfermo do Amancio. O ministro do reino officiou de novo ao governador civil do Porto e d'esta vez pouco convenientemente, ao que se affirma.

O dr. Moreira da Fonseca aproveitou o ensejo, mandou chamar o seu substituto legal, entregou-lhe o governo do districto, partiu para Lamego e de lá telegraphou ao sr. Thomaz Ribeiro, dando-lhe parte que não queria saber de mais nada e pedindo que fizesse publicar na folha official o decreto de exoneração voluntaria. O ministro do reino não teve remedio senão accetar a demissão.

E' d'esta forma que se conta o extranho caso da repentina sahida do dr. Moreira da Fonseca do governo civil.

A' hora que escrevemos nada se sabe ao certo sobre quem recabirá a nomeação para o cargo vago. Falla-se em muita gente mas não ha probabilidades a favor de nenhum dos que se indigitam.

—O hespanhol a que acima nos referimos foi mandado entregar ás auctoridades do seu paiz, contra toda a lei e contra todas as praxes internacionais, mas unicamente por um capricho do sr. sub commissario que deseja ver se arranja para o peito a commenda de Isabel, a catholica ou outro pendurocalho qualquer.

A victima do capricho policial vae de cadeia em cadeia, soffrendo privações sem conta, incommodos sem limite, até chegar a Madrid. Quem hade indemnisação das despezas feitas com a sua prisão e dos transtornos soffridos na sua viagem? Ninguém. Que se aguentem que a justiça portugueza tem d'estas veleidades patusticas.

A gente ao ver estas e outras proezas das nossas auctoridades sente logo vontade de atirar com a phrase

de Cambrone á cara de quem affirma que não ha liberdade como aqui.

Ciriacus.

BIBLIOGRAPHIA

O — *Evangelho da Revolução* — por Ernesto Pires. Acabamos de receber este brilhante opusculo. Ernesto Pires geme com as miserias do povo, e entra os trenos da canalha. Vai com o coração magoado, e com os rumores da escola. A ideia nova tem delle a esperar bastante, tem mesmo a esperar muito.

Cada um dos seus versos estala de dor, e os ecos sinistros que espalha em derredor pintam a luta do opprimido contra o opprissor. Maldiz-se Deus o inventor do mal, mas bem diz-se o progresso, essa criação de um verme: — o homem.

Agradecemos ao auctor estes pamphletos de raiva, que são os precursores da revolução.

Os principaes generos alimenticios correm no nosso mercado pelos seguintes preços:

| | |
|------------------------|-----------------|
| Feijão laranjeiro..... | 20 litros 1:060 |
| « branco..... | « 860 |
| « mestura..... | « 760 |
| « manteiga..... | « 950 |
| « frade..... | « 640 |
| « caraça..... | « 940 |
| Trigo gallego..... | « 980 |
| « Tremez..... | « 720 |
| Milho branco..... | « 730 |
| Dito amarello..... | « 710 |

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes, que se acham em debito, a fineza de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, para o bom andamento da administração d'este jornal.

A companhia dirigida pelo sr Augusto Garraio e que tem representado no theatro do Principe Real do Porto, annuncia para as noites de 18 e 19 do corrente dois espectaculos, no nosso theatro, os quaes constarão das duas operetas comicas: *Noite e dia e Mascotte*.

A assignatura para estes espectaculos acha-se aberta no estabelecimento dos srs. José dos Santos Gamellas & Filho, na praça do Commercio d'esta cidade.

Esteve por sepultar, durante quatro dias, o cadaver d'uma pobre mulher na Mamarrosa. A familia da infeliz não possuia 45000 para dar ao parochio, e por isso este não deu a precisa ordem para o enterramento.

Foi necessario que o administrador competente ordenasse ao regedor da freguezia que fizesse enterrar o cadaver, o que elle mandou fazer pelos cabos de policia, sem o que estaria a pobre em sua casa talvez até o dia de juizo.

Excelente padre! Custa a crêr que tão santo varão não fosse ainda feito arcebispo de Braga! Ha mais de qua renta annos que elle assim procede, segundo dizem da sua freguezia.

Uma mitra!

Os nihilistas vão abrilhantar a festa da coroação do Czar de todas as Russias com algumas bombas de dynamite. E para cumulo de delicadesa já annunciaram isto ao proprio soberano.

Isto é que é amizade!

Teve lugar na segunda feira ultima, no governo civil deste districto, a primeira inspecção militar do mez corrente.

O acto foi presidido pelo sr. Go vernador civil.

Foram inspecionados 46 mancebos, dos quaes ficaram apurados 24, 17 isentos, 3 em observação e 2 tem porisados.

Acaba de fallecer em Paris, o chefe do partido ultramontano, Louis Veuillot, redactor principal do *Univers*. Era um grande escriptor e por isso a sua perda vae ser sensivel ao ultramontanismo.

As almas foram ultimamente victimas dos ladrões.

Uma caixa que teem na entrada de Braga, á borda da estrada appareceu aberta e com desoito vintens dentro. Havia muito tempo que ella se não abria e por isso calculam o roubo em 4:500 reis.

Appareceu tambem aberta outra caixa das mesmas Almas que estava dentro da igreja. Este roubo foi maior; andaria por duas libras.

E assim consentes Braga, que se roubem as almas!...

Publicou-se o numero 9 da *Mosca*, interessante semanario humoristico illustrado, o qual traz o retrato do malogrado jornalista Urbano Loureiro.

Agradecemos o exemplar recebido.

Houve ha pouco em Vizeu uma reunião de individuos do partido legitimista, com o fim de formarem um centro d'aquelle decrepito partido ali.

Em Coimbra tambem ha ideia de se formar um centro do mesmo partido.

Os liberaes vão dormindo muito, occasionando com isto a propagação da larva reacionaria.

Sentido!

Em Monsão tem havido alguns tumultos por causa da grande subida dos preços dos generos de alimentação, e do augmento das contribuições.

Na povoação da Ponte do Douro tem o commercio fechado as portas, obrigado pelo estado de sitio em que se acha aquella terra. A agitação é sempre crescente temendo-se graves consequências.

Espanta-nos o procedimento do governo. Chumbo sr. Fontes, chumbo nesses desgraçados que ousam dizer que teem fome! Para que são os soldados?!

A academia real de Hespanha acaba de distinguir o sr. dr. Theophilo Braga com uma distincção honrosissima, enviando-lhe o diploma de socio correspondente, em attenção aos importantes trabalhos litterarios e linguisticos com que o nosso sabio correligionario tem illustrado as letras portuguezas.

Comprimetamol-o com toda a sinceridade que nos é peculiar, sentindo só que os estranhos lhe façam a justiça que os nossos lhe negam.

Um filho do sr. major Figueiredo, de Vizeu, suicidou-se ha dias, dando um tiro de revolver na bocca.

O alucinado moço era academico e ignora-se a causa do seu desvario.

Morreu no dia 4 o infeliz.

Noticiam-nos de Arotica que se deram algumas irregularidades na procissão de uma festividade que se realisou ultimamente ali.

Dizem-nos tambem que a musica que tocou na festividade foi a do sr. Figueiredo, agradando geralmente.

Estimamos.

Registrou-se civilmente na administração do bairro central de Lisboa, no dia 31 de março ultimo, o nascimento de uma filha do sr. Joaquim Manuel Pereira. Foram testemunhadas do acto os srs. Ignacio de Magalhães Basto e Luiz Monteiro Alves de Meira.

O sr. administrador, Fernandes Coelho, prestou-se com a maior solícitude a cumprir este dever do seu

cargo, merecendo por isso os encomios do pae da creança e das testemunhas do acto.

Na terça feira, 3 do corrente, teve lugar na administração do bairro occidental da mesma cidade outro registro civil; foi o nascimento d'um filho do sr. Jonas Martins dos Reis, recebendo o nome de Viriato.

Foram testemunhas o cidadão José Maria de Sousa, vice-presidente da comissão executiva do Centro eleitoral republicano federal do circulo 97, e no impedimento da outra testemunha o ill.º sr. Canato, digno empregado daquella administração.

Estimamos ter occasião de noticiar acontecimentos como estes, sympathicos á nossa causa.

Em Fail, povo do concelho de Vizeu, uma mulher travando-se de rãsões com outra, deu-lhe com uma foice um grande golpe n'um dos braços, deixando-lh'o preso só pela pelle e por parte do osso. A grande hemorragia e a extensão do ferimento, deixaram a mulher em perigo de vida.

Tratam de fundar em Braga uma associação com o fim de educar meninas destinadas a exercerem no ultramar os officios de professoras, cathedristas e enfermeiras.

Veremos se isto se realisa. Por em quanto achamos cedo de mais para darmos os parabens a Braga, a fiel.

Quasi toda a imprensa do paiz se tem occupado da celebre questão do Zaire.

Soceguem collegas. Está á frente do nosso governo a nata dos estadistas, portanto durmam descansados que o que for nosso... é de quem os inglezes quizerem.

Pediu a demissão de governadrc civil do Porto, o sr. José Moreira da Fonseca.

O collega do *Districto* ignorava até á hora de dar a noticia, a causa d'esta resolução.

Pois salta aos olhos, a tal causa. Não diz o seu correspondente de Lisboa que só nos partidos da opposição lavra a desordem? Ah! está. Ordem, união, disciplina, são coisas unicamente dos regeneradores.

Lá isso são!

Diz-nos uma folha legitimista de Lisboa que a sua politica se resume n'esta curta phrase: «será de todos o dia 3 d'abril».

Bem, muito bem! Já vae em melhor caminho esta boa gente.

Nós julgavamos que não tinhamos direito ao celebre dia 3 d'abril.

Agora sim. Um aperto de mão collega. Espere, diga antes: «será de todos o dia 1.º d'abril», e fica mais lindo, creia.

Ratões!...

A nossa marinha contava em 1881 23 navios.

Já é. Que a Inglaterra se previna com Portugal senão qualquer dia lá estamos... ou ella cá.

O novo Patriarcha de Lisboa, é o bispo de Angola. Acertada escolha.

Foi famulo do fallecido patriarcha e já fez parte da guerrilha que se acouta no convento de Varatojo.

Vejam lá se em parte alguma se acharia uma creatura mais á feição dos Sennas freitas! Parabens, *cambada!*

A Associação Liberal Portuense trata de admitir no seu gremio senhoras, que ficarão obrigadas apenas a concorrer com uma prenda qualquer, annualmente.

Applaudimos com enthusiasmo esta ideia.

Emquanto que em Braga pensam fazer das meninas umas creaturas mi-

becis, no Porto, na cidade liberal por excellencia, trata-se de ensinar á mulher o que ella mais tarde hade ensinar aos filhos.

Tremei jesuitas!

Recebemos e agradecemos um folheto intitulado: *Notas á sebeta do dr. Avelino Cesar Callisto*, escripto pelo festejado romancista Camillo Castello Branco.

Quizeramos dizer alguma coisa sobre isto, apesar mesmo da exiguidade dos nossos recursos, mas é melhor ficarmos por aqui: quem as faz que as desfaça.

Camillo Castello Branco, quando se effectou a commemoração do primeiro centenário do marquez de Pombal, virou os dentes á memoria do grande estadista; o dr. Callisto, lente de Direito ecclesiastico portuguez, não obstante agradarem-lhe as phrases do solitario de S. Miguel de Seide, n'uma lição de março do anno corrente, disse que a intelligencia de Camillo é desgraçada, que em troca de mesquinhos interesses é posta em almoeada ao serviço de qualquer causa, etc, etc. Agora vem a desforra nas taes *Notas á sebeta*.

Fraca desforra. Quem renega os seus principios, até dos adversarios é despresado.

Que lhe sirva de lição.

Recebemos tambem, e igualmente agradecemos, a caderneta n.º 24, do romance de Xavier de Montepin, *Mysterios d'uma Herança*, editado pela empresa dos *Serões Romanticos*, de Belem & C.ª, rua da Cruz do Pau, 26, Lisboa.

Foi approvada pela comissão de fazenda da camara dos deputados a proposta do governo para que seja lançado um imposto de 1 e 2 p. c. sobre todos os objectos importados pelas nossas alfandegas, para se occorrer ás despezas do porto de Leixões.

Estamos já a vêr approvado este projecto monstruoso.

O governo não attende ás circumstancias precarias do commercio e da industria d'este pobre paiz, porque tem mais em que cuidar. Agora prepara-lhe o final aniquilamento.

Vá serhores; o povo cala-se. Mais impostos!

No Ohio, uma pequena ribeira saiu do seu leito e foi inundar as minas de petroleo de Forest-Cytoy-Oil.

Foram as chuvas que deram motivo a esta inundação.

O petroleo sobrenadou e o fogo manifestou-se ao lume d'agua, communicando-se a um deposito de petroleo que continha cinco mil barris, passando d'ali ás minas de Stardarn-Oil.

Um outro deposito, metallico, que guardava quinze mil barris incendiou-se tambem, levando as suas chammas ás habitações dos operarios, depositos e armazens.

O fogo era tal que na distancia de cinco milhas inglezas lia-se perfeitamente.

Durou 36 horas o incendio e só pôde ser dominado pelo auxilio d'uma chuva torrencial, que então caiu.

Foi espancrdo barbaramente no collegio de Campolide, um filho do co-nhecido banqueiro de Lisboa, João Antonio Borges.

Um padre do mesmo collegio, que soffre de nervoso, anda sempre a fazer carêtas. Parece que ha dias o pequeno não ponde suster o riso ao vêr o *ungido do Senhor* esgasear demasiadamente os olhos. O castigo não se fez esperar; mas quando o pobre estudante julgava expiado o *medonho crime* e dormia descansado na sua cama, sentiu-se agarrado por duas mãos valentes que o conduziram a uma sala proxima, o de o padre lhe applicou uma sova de chibatadas que lhe deixou o corpo em borbotões.

O pae do offendido limitou-se a tirar-o d'aquelle antro de feras, sem ao menos apalpar o cachaco ao padrega.

E digam lá que a *santa* inquisição já acabou de todo!

Recebemos o primeiro numero do *Jornal d'Estarreja*, que muito agradecemos.

O seu programma é deveras sympathico. Não se fita em partido nenhum, segundo diz, e entre outras cousas promette ser serio e delicado, promover os melhoramentos materiaes da sua terra, pagnando sempre pelo seu engrandecimento.

Oxalá que o *Jornal d'Estarreja* consiga dar fiel cumprimento ás suas promessas.

Comprimentando o novo collega, fazemos os mais sinceros votos para que seja longa a sua existencia e sempre cheia das mais appeteciveis prosperidades.

Chegou nos já tarde a representação de que a comissão executiva da Academia de Coimbra enviu copia ao Poder Moderador, e por isso pouco podemos dizer sobre o assumpto.

É um brado energico contra a prepotencia de homens que devendo fazer-se respeitar, estão assim maculando a tóga de que indignamente se acham revestidos.

Muito louvavel é o procedimento dos academicos que assim punem pela justiça a favor de um collega que sem motivo foi riscado por um anno de Academia.

Creemos que el-rei deve attendêr á representação, pois que é justissima.

ANNUNCIOS

Agradecimento

A Companhia dos Bombeiros Voluntarios d'Aveiro, sumamente grata para com todos os cavalheiros que promoveram, em beneficio da sua Caixa, as recitas realisadas no theatro Aveirense, nas noites de 25 e 26 de março ultimo, bem como para com os que tomaram parte nos mencionados espectaculos, para com a Estudantina d'Aveiro, e para com as phylarmonicas Amizade e Aveirense, que ali foram espontanea e desinteressadamente tocar, vem por este modo tornar publico o seu indelevel reconhecimento.

Aveiro, 8 d'abril de 1883.

ARREMATACÃO

Domingo 22 do corrente mez das 11 horas da manhã, até ás 2 da tarde, no cemiterio publico d'esta cidade, será arrematada a construcção de um jazigo de familia d'Antonio José Lopes.

O projecto, condições e mais esclarecimentos estarão patentes no acto da arrematação.

Aveiro, 10 d'abril de 1883.

Antonio dos Reis.

O AMANTE DA LUA

POR

PAULO DE KOCK

50 reis semanacs em Lisboa — Provincias e Ilhas 100 reis — quinzenacs cada fasciculo de 80 paginas.

Assigna-se no escriptorio da empresa, rua da Atalaya 18 Lisboa, em todas as livrarias do Reino, e em casa dos srs. correspondentes da Empresa.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA
COM
OFFICINA DE SERRALHARIA
EM



FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuso do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panelas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.
Preços sem competencia.

GRANDE
NOVIDADE



A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova
machina de cozer de

LANÇADEIRA OSCILANTE

É ESTÁ A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HAVIDO NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—Agulha ajustavel de per si.—Dois mil pontos n'um minuto.—Levissimas no trabalho.—Silenciosas sem equal.—Não precisa encher canellas.—Não precisa enfiar a lançadeira.—Pespointo o mais bello e mais elasticó. Todo o seu mechanismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR DOZE ANNOS

PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

Para familias; para alfaiates; para sapateiros; para toda a classe de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis, com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER FAMILIA de LANÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de lançadeira oscillante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade, como nunca terão visto.

Aos alfaiates e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova machina de lançadeira oscillante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1:300 MACHINAS

VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES

SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRATIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham as seguintes palavras «Machina legitima da Companhia Fabril Singer.»

Companhia Fabril Singer

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

AVEIRO

52—Largo da Praça—53

OVAR

E

Em todas as capitães de districto de Portugal

ATTENÇÃO

Vende-se uma caldeira de cobre de amplas dimensões. N'esta redacção se dão esclarecimentos.

!NOVIDADE!

Ourivesaria Manufactora

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

N'esta officina executa-se com toda a perfeição e maxima brevidade toda a obra d'ouro ou prata.

Galvanisa-se toda a qualidade de metal, em obras.

Garante-se em todos os trabalhos a modicidade de preços.

Encomendas a

José Eduardo Mourão.

Galeria Republicana

Editor e proprietario
JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director—MAGALHÃES LIMA

COLLABORADORES—Augusto Rocha—Alexandre da Conceição—Alves da Veiga—Antonio Furtado—Anselmo Xavier—B Machado—Bernardino Pinheiro—Costa Goodolphim—Gomes Leal—G. Benevides—José J. Nunes—J. M. Latino Coelho—João Monteiro—Maria Luiza Caldas—Reis e Souza—Roberto Valença—Rodrigues de Freitas—Silva Graça—Silva Lisboa—Teixeira Bastos—Theophilo Braga—Trigueiros de Martel e outros.

A Galeria Republicana, collaborada pelos principaes escriptores do nosso partido, foi fundada com o intuito de tornar bem conhecidos, por meio de retratos em photographia e esboços biographicos, os vultos mais importantes do partido republicano, tanto nacionaes como estrangeiros; para esse fim contratou as photographias com um dos primeiros photographos da capital o sr. ANTONIO MARIA SERRA; a parte typographica tem sido successivamente melhorada, sendo este anno e para os futuros impressa a duas côres e em abril proximo será impressa em typo elzevir completamente novo. O seu proprietario tem envidado todos os seus esforços para que esta publicação seja a mais nitida e elegante no seu genero em o nosso paiz. A Galeria Republicana publica-se regularmente duas vezes por mez.

Até ao fim de maio recebem-se assignaturas fornecendo-se todos os numeros desde o n.º 1 até ao n.º 48, fim do corrente anno, pelo preço de 3\$200 réis. Os numeros respectivos ao 1.º anno vendem-se em folhas soltas por 2\$500 réis, encadernados em papel chagrin por 3\$000 réis, e empanno chagrin e pasta dourada por 3\$500 réis.

Assigna-se e vende-se no kiosque do Rocio (lado norte) e tabacaria Victor Hugo, Largo do Passeio, 17, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos acompanhados da respectiva importancia, sem o que, não são satisfeitos.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis Lisboa

Anno ou 24 numeros..... 1\$500
Semestre ou 12 numeros..... 720
Trimestre ou 6 numeros..... 400
No acto da entrega..... 70
Numero avulso..... 100

TYPOGRAPHO

Offerece-se um com boas habilitações, para qualquer typographia do reino.

Quem precisar dirija-se á redacção d'este jornal, onde se prestam esclarecimentos.

CONTRA OS JESUITAS

O memoravel e notabilissimo discurso contra a propaganda jesuitica Proferido pelo exm.º snr. **MARIANNO DE CARVALHO** Na sessão de 16 de março de 1883

Acha-se á venda em todas as livrarias e em todos os kiosques. Os pedidos para revender, devem dirigir-se á redacção do «Zê Povinho», rua de Santo Ildefonso 394, porto.

A MÃO NEGRA

HISTORIA DA TERRIVEL SEITA

Assigna-se na Imprensa Occidental, rua da Fabrica, 66—Porto, e em todas as livrarias.

Por volume 400 réis—aos fasciculos 30 réis.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO ANTONIO DE SOUZA

4—Largo da Apresentação—6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

ERNESTO CHARDRON—Editor

NO PRELO

OS RATOS DA INQUISIÇÃO

Poema inedito

DO JUDEU PORTUGUEZ

Antonio Serrão de Castro

PREFACIADO POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Para entrar brevemente no prelo:

OS BROGAS

ROMANCE

CHRONICA DE UMA FAMILIA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

| BOLACHA | | BISCOUTOS | |
|------------------------------|---------|-------------------------------|---------|
| | Kilo | | Kilo |
| D. Luiz | 220 rs. | Limão 1.ª | 220 rs. |
| Franceza 1.ª | 230 » | » 2.ª | 210 » |
| » 2.ª | 210 » | Canella 1.ª | 220 » |
| Agua e Sal 1.ª | 240 » | » 2.ª | 190 » |
| » 2.ª | 230 » | Lacinhos | 250 » |
| Leve | 210 » | Suissos | 400 » |
| Torrada | 240 » | Belgas | 320 » |
| Requite 1.ª | 360 » | Paciencias e Marialvas | 400 » |
| » 2.ª | 260 » | Linguas de gato | 400 » |
| » 3.ª | 220 » | Palitos amendoa 1.ª | 360 » |
| Erva doce | 170 » | » 2.ª | 320 » |
| Amores | 360 » | Canella | 220 » |
| Pão de Ló | | Limão | 240 » |
| » em fatia torrado | | Deliciosas | 320 » |
| Pemzinhos | 360 » | Estrellas | 400 » |
| Primores | 400 » | Corças a Camões | 320 » |
| Bolo inglez, duzia | 200 » | Marquinhas | 320 » |
| | | Pauperios e Bisc. Porto | 220 » |

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.